

## **Intertextualidade e dialogismo nos sonetos de Luiz de Camões e Vinicius de Moraes**

*Gianluca Soares Ribeiro Silva (\*)*

### **Introdução**

Ao escolher dois poetas de tempos tão distantes, de mundos completamente outros, em análise comparativa proposta neste artigo, temos aqui o principal elo que os aproxima de forma contundente: a língua portuguesa. Conforme demonstraremos, não só o idioma os une, pois nos poemas em tela se observa o quanto estão ligados em estética, espírito, forma e técnica. Os sonetos conversam entre si, em viagem no tempo só possível pela linguagem: a palavra como elemento de interseção.

A opção de colocar Luís de Camões em diálogo com Vinicius de Moraes não é aleatória e poderia até soar como um contraponto. Como estabelecer relações entre a tradição renascentista, conservadora, do poeta ícone da literatura portuguesa, e de um brasileiro consagrado, membro do movimento modernista, que visava revolucionar as tradições literárias de seu tempo, rompendo com as amarras do passado? Contudo, por mais que os movimentos literários se exponham como vanguarda, as fontes de onde se abasteceram foram anteriores a eles e não é incomum que ciclos aconteçam. Como disse Ezra Pound, “Os artistas são a antena da raça”, e Camões, com todo seu histórico e legado, é um grande exemplo disso. Além de sua escrita servir de base à língua portuguesa e sua voz atravessar os séculos, sendo referência aos escritores que depois vieram, o poeta já antevia mudanças significativas da vida e das coisas. Daí nossa escolha, como referência, de um poeta modernista.

Camões é um poeta de abertura, cimentando toda uma trajetória do que viria a ser; Vinicius fazia parte de um movimento de ruptura, onde, aparentemente, não sobriaria pedra sobre pedra das formas clássicas, métricas, bem-comportadas. O que vemos nos poemas em comparação é que não foi bem assim que tudo ocorreu. O modernismo lutava por liberdade, inclusive a de Vinicius, entre outros, de abrir mão de todas as regras e escrever sonetos em tempos de hegemonia dos versos livres. Como ensina Camões,

---

(\*) Licenciando em Letras (Português-Literaturas) pela UFRRJ. Bolsista CNPq/UFRRJ pelo programa Residência Pedagógica.

“mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, porém nem tudo, nem sempre, “não se muda já como soía”.<sup>1</sup>

### Luís Vaz de Camões e o Cânone Literário

Luís Vaz de Camões, um dos maiores poetas portugueses, é também considerado um dos grandes vultos da literatura ocidental. Não se sabe muito sobre sua vida pessoal, e tudo o que foi publicado a seu respeito não possui prova sustentável; no entanto, acredita-se que tenha nascido por volta de 1524 ou 1525, em Lisboa. Há um desacordo entre estudiosos acerca de sua condição social e onde completou seus estudos.

Como poeta épico, foi ponto de chegada e convergência entre diversas formas literárias, usou da estética Renascentista para aplicar a matéria nacional, real e viva que havia recolhido, diferenciando-se de tudo o que já havia sido produzido até o presente momento. Sua obra lírica, por outro lado, foi publicada postumamente, com apenas três exceções: A ode “*Aquele único exemplo*” dedicada ao Conde de Redondo, vice-rei da Índia, que abre a primeira edição (1563) do Colóquio dos simples e drogas da Índia, de Garcia de Orta; a elegia *Depois que Magalhães teve tecida*, que foi dedicada a D. Leonis Pereira; o soneto *Vós, ninfas da gangética espessura*, ambos na História da província de Santa Cruz, de Pero Magalhães Gândavo.

Considerado um divisor entre a época arcaica e moderna, Camões tem suma importância para língua portuguesa devido à sua lírica e outras características. A lírica camoniana e suas obras ocuparam-se da alusão a fatos, pessoas, situações, melancolia, amor, doçura, e dito por ele mesmo em seus versos, possuíam um caráter depoimental. Segundo Franco,

“O cânone em qualquer sistema literário é formado segundo os valores e juízos críticos da comunidade literária que o legitima, tanto no plano patriótico como no civilizacional, ainda no da literatura em perspectiva globalizada. Certo ou errado tem sido mantido um cânone ocidental de clássicos da literatura de todos os tempos. Quanto a Camões, pode-se afirmar que a sua épica foi considerada canônica logo no século XVI no âmbito ibérico e europeu” (Franco, 2011, p. 219).

---

<sup>1</sup> Trabalho iniciado na disciplina Literatura portuguesa, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Barbieri, no curso de Letras da UFRRJ e desenvolvido no âmbito do Programa Residência Pedagógica, sob orientação do Prof. Dr. Wagner Costa.

Nesse âmbito, para os estudiosos, *Os Lusíadas* é considerada sua maior produção clássica pela sua fluência retórico-poética, complexidade estrutural, importância histórica de Portugal e erudição mitológica. Nesta obra, o escritor Quinhentista aprimorou a forma e os moldes do movimento renascentista conhecido como “medida nova”, que é o uso do verso decassílabo heroico (de acentuação nas 6.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> sílabas) ou sáfico (nas 4.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>), ou ainda, com o uso não tão frequente do verso hexassílabo, diferenciando-se da lírica da poesia trovadoresca dos cancioneiros conhecida como “medida velha”. Tanto no estilo lírico quanto no estilo épico, Camões se diferencia da maioria dos escritores, além de ter um caráter importantíssimo para a história de Portugal, e isso tudo o torna parte de um Cânone literário.

Segundo Harold Bloom, “Não pode haver literatura forte, canônica, sem o processo de influência literária” (BLOOM, 2001, p. 17), sendo possível identificar nos sonetos de Vinicius de Moraes - poeta que faz parte do Cânone brasileiro - a influência de Camões.

### **Vinicius de Moraes e o Modernismo Brasileiro**

Vinicius de Moraes é um poeta da segunda fase do Modernismo brasileiro, tendo deixado um legado inquestionável no campo da poesia, teatro, prosa e música. Em poesia, transitou de uma fase mística, cristã, para o campo do mundo material, viril e de engajamento social, publicando diversos livros. Diplomata, atuou em vários países, sendo aposentado compulsoriamente pela ditadura em 1968, no Ato Institucional nº 5, AI-5. Em música, compôs sucessos como *Garota de Ipanema*, *Rosa de Hiroshima*, *Chega de saudade*, sendo um dos fundadores da Bossa Nova. Faleceu em 9 de julho de 1980, aos 66 anos.

A obra de Vinicius de Moraes aqui no Brasil, assim como a de Camões em Portugal, teve grande significação não só na literatura, como também na cultura e na sociedade do país. Antônio Candido, crítico literário e um dos grandes estudiosos da literatura, comenta sobre Vinicius e sua obra: “Se hoje dermos um balanço no que Vinicius de Moraes ensinou à poesia brasileira, é capaz de nem percebermos o quanto contribuiu, porque, justamente por ter contribuído muito, o que fez de novo entrou para a circulação, tornou-se moeda corrente e linguagem de todos” (CANDIDO, 2004, p.120).

E nessa perspectiva, podemos trazer para discussão o conceito de cânone discutido no item anterior, e encaixar Vinicius de Moraes nessa categoria. Como dito por Bloom (2001) e citado anteriormente, o processo de influência que determinada obra tem, não só faz parte, como é um ponto importantíssimo para torná-la um cânone da literatura. A música, a linguagem e a poesia do autor tiveram grande influência na cultura brasileira e grande papel de significação e de representatividade, afinal trazia traços espaciais, traços linguísticos, traços musicais e principalmente traços culturais do Brasil. Sua importância é acentuada por Amorim, ao dizer: “Vinicius cantou o nome e as belezas do Brasil mundo afora. Traduziu na música e na poesia os ideais da diversidade racial. Foi, sem dúvida, um grande Embaixador da cultura popular brasileira” (AMORIM, 2010, p. 8).

Tendo isso em vista, e o que já foi discutido anteriormente sobre cânone e Camões, acentua-se a forma como uma obra que é considerada cânone influencia diretamente na criação de novas obras. Esse fenômeno, que permite a um autor fazer referência ou citação direta ou indireta à lírica, ao estilo, ao assunto ou/e até mesmo à trechos de outros livros e autores para trazer sentido ao seu texto, ocorre através da intertextualidade e do dialogismo. Isso torna possível a operacionalização textual do processo importantíssimo de influência que um cânone possui sobre outras obras. Petter de Bolla, em seu livro “Para uma retórica histórica”, fala sobre esse processo a partir do ponto de vista de Bloom:

Para Bloom, “influência” é ao mesmo tempo uma categoria topológica, uma figura que determina a tradição poética e um complexo de relações psíquicas, históricas e imagísticas... a influência descreve as relações entre textos, é um fenômeno intertextual (BLOOM, 2001, p. 17).

Além dessa questão, nota-se que a intertextualidade tem um papel de dar sentido ao texto que está sendo escrito, através do diálogo que é feito com outros textos. A relação que será explicitada mais a frente entre os sonetos de Camões e Vinicius mostra que eles se relacionam entre si através da intertextualidade e do dialogismo. Vinicius dá à sua obra sentido através do diálogo com a obra de Camões, mesmo sendo sonetos de autores, de épocas e escolas literárias diferentes. Antes de demonstrar essa análise, esses fenômenos serão explicados para um melhor entendimento.

### **Intertextualidade e Dialogismo**

O estudo estruturalista de Saussure (2006[1916]), afirma que a língua compõe um sistema rígido de regras internas que obedecem a determinada estrutura de funcionamento, excluindo influências externas e tendo um comportamento homogêneo. Em contraponto a esta vertente em que a língua pertence a um sistema de formas abstraído das relações sociais, imutável e estável, Bakhtin (2006) descreve a língua como constituída justamente nas relações sociais, realizada por meio de enunciações e através da interação verbal. O dialogismo, conceito criado por Mikhail Bakhtin, abordado como diálogo” em suas obras, diz respeito aos enunciados presentes dentro de um único enunciado, ou seja, mesmo que o discurso seja criado por uma única pessoa, ele vem carregado de outros discursos que o interlocutor viveu, ouviu, leu, pensou, e que dialogam entre si. Seguindo essa linha, entende-se que na arte da escrita, inclusive os dizeres criados, vêm carregados de outros, afinal, todo discurso é polifônico, isto é, há a presença de mais de uma voz (enunciado) na fala do interlocutor, seja ela interna ou externa. Para Bakhtin, “Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc)” (BAHKTIN, 2006 ,p.126).

E por isso a língua, sendo heterogênea, faz com que os enunciados produzidos por determinado interlocutor sofram influência direta e indireta de outros discursos e enunciações. Através dessas apreciações sobre a língua, entende-se que a comunicação, verbal além de ter relação direta com outros tipos de comunicação, é sempre acompanhada também, por ações sociais não verbais, ou seja, postura corporal, cerimônias, atos simbólicos de rituais, tom de voz, entre outros. Essa interação entre enunciados é essencial para o funcionamento da língua, segundo Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*,

Enquanto um todo, a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal (isto é, as outras enunciações) (BAHKTIN, 2006, p.127).

Através desses recursos linguísticos, mesmo que indiretamente, é possível trazer sentido para o que se fala e o que se escreve, afinal, o enunciado sempre vai vir

acompanhado e vai sofrer influência de outros enunciados, e esse fenômeno, conhecido como Dialogismo, é marcado por essa interação. Segundo Emerson:

Como uma descrição da linguagem que torna todos os enunciados, por definição, dialógicos; como termo para um tipo específico de enunciado, oposto a outros enunciados, monológicos; e como uma visão do mundo e da verdade (EMERSON, 2003, p. 506).

Esse recurso linguístico explicado acima possibilita uma série de ações dentro da comunicação verbal e não verbal. Provindo deste, outro recurso muito importante usado principalmente na arte, na música, na poesia, no cinema e até mesmo no uso corriqueiro da fala e escrita é a intertextualidade. Julia Kristeva criou o termo quando analisava os estudos da linguagem desenvolvidos por Bakhtin. Assim como no dialogismo, a intertextualidade traz consigo um conceito de que um texto é um conjunto de enunciados, tomados de outros textos, que se cruzam e se relacionam. Segundo Kristeva: “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um em outro texto”. (KRISTEVA, 2005, p. 68).

Nesta perspectiva, então, a intertextualidade pode ser vista como um fenômeno linguístico em que no processo linguístico recorre-se a outros textos na atividade constituição de outro texto. Como afirma Bakhtin, cada enunciado deve ser entendido como tendo um elo necessário com cadeia muito complexa de outros enunciados anteriores (BAHKTIN, 2006), o que pode acontecer de maneira implícita ou explícita.

É importante acentuar que para identificar a presença de outros textos dentro de um texto, é necessário que o leitor tenha determinado conhecimento e determinado repertório. Assim como o dialogismo apresenta o conceito de um enunciado dialogar sempre com outro, a intertextualidade é um recurso linguístico usado para dialogar dois textos, o que está sendo escrito com outro que já foi escrito. Isso ocorre porque ao trazer determinado texto já produzido para o texto em produção, é atribuído a ele um novo sentido; no entanto, dependendo da situação, no uso desse recurso linguístico, até o texto já produzido pode vir a ser ressignificado.

Koch e Elias (2006), em “Ler e Compreender”, discute sobre a questão de atribuir novos sentidos:

Também é importante destacar que a inserção de ‘velhos’ enunciados em novos textos promoverá a constituição de novos sentidos. É verdade que a nova produção trará os ecos do (s) texto (s) -fonte e estes se farão ouvir mais - ou menos - dependendo dos conhecimentos do leitor. Contudo, o ‘deslocamento’ de enunciados de um contexto para outro, indiscutivelmente, provocará alteração de sentidos (KOCH, ELIAS, 2016, p.78- 79).

Tendo isso em vista, é possível que esse recurso seja feito de forma explícita ou implícita, isto é, respectivamente, uma explícita o texto a que recorreu, citando por exemplo a fonte, já a outra não, deixando a relação intertextual total à interpretação de quem está lendo, sendo necessário certo conhecimento e repertório para compreensão. Normalmente na arte em geral, a intertextualidade é quase sempre feita de forma implícita, afinal a arte não explica o que diz, ela só diz, e cabe ao consumidor da arte compreender determinadas alusões em certos tipos de paráfrases, ironias etc. Esse recurso e relação linguística será demonstrado a seguir nos sonetos de Camões e Vinícius de Moraes.

### **Intertextualidade e dialogismo entre os sonetos de Luís de Camões e os de Vinícius de Moraes**

A linguagem poética aparece como um diálogo de textos: toda sequência se faz em relação a outra proveniente de um outro corpus, de maneira que toda sequência está duplamente orientada: para o ato de reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato de intimação (a transformação dessa escritura) (KRISTEVA, 1978, p. 120-1).

#### *Aquela triste e leda madrugada – Camões*

Aquela triste e leda madrugada,  
cheia toda de mágoa e de piedade,  
enquanto houver no mundo saudade  
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada  
saía, dando ao mundo claridade,

viu apartar-se de ùa outra vontade,  
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,  
de que uns e outros olhos derivadas  
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas  
que puderam tornar o fogo frio,  
e dar descanso às almas condenadas.

*Soneto da Separação – Vinicius de Moraes*

De repente do riso fez-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bocas unidas fez-se a espuma  
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fez-se o pressentimento  
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente  
Fez-se de triste o que se fez amante  
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante  
Fez-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente.

Na análise feita dos dois sonetos, antológicos, será explicitada a relação entre um e outro através dos conceitos de intertextualidade e dialogismo. Apesar de ambos os sonetos fazerem parte de escolas literárias diferentes e de contextos históricos distintos, é possível notar a semelhança estrutural na lírica dos dois, que é composta por 14 versos: estrutura de um soneto. Em ambos os poemas é nítido que o eu-lírico fala de amor. No entanto, o amor de Camões está no plano das ideias, onde o platonismo é evidente, já o amor de Vinicius está na dimensão carnal, aristotélica, onde o existencialismo fica claro. Nota-se que apesar da intertextualidade observada, os poetas não deixam de lado a corrente filosófica de sua escola literária e de seu tempo. Entretanto, amor, efeito das desilusões deste mesmo amor, saudades e tristezas se contrapondo com felicidades e momentos vividos com o amante, são presentes nos dois sonetos.

No que diz respeito a intertextualidade, é possível perceber que “a imitação se refere a detalhes materiais como a traços de composição, a episódios, a procedimentos, ou tropos bem determinados” (NITRINI, 2000, p.127). Tendo isso em vista, pode-se encontrar em ambos os sonetos a narração de conflitos referentes ao amor, por meio de antíteses. No soneto de Vinicius: riso e pranto; calma e vento; próximo e distante. No de Camões: triste e leda; fogo e frio; descanso e condenadas.

Observando isso, Nitrini também afirma que “Laurent Jenny propõe-se a falar de intertextualidade somente quando se puder localizar num texto elementos estruturados anteriormente a ele” (NITRINI, 2000, p.164). Além da estrutura de soneto, as antíteses e paradoxos e o mesmo assunto, amor, existem as metáforas que personificam um encontro e uma separação carnal, em Vinicius, e metáforas que personificam a madrugada como espectadora e ao mesmo tempo símbolo de um conflito, em Camões. Referente a essas características, é possível observar que se aplica o conceito de intertextualidade, segundo o qual a estrutura de um texto elabora-se a partir da relação estabelecida com outra estrutura textual. O que foi concebido por Kristeva, com base nas proposições de Mikhail Bakhtin, em Problemas da poética de Dostoiévski, onde uma das semelhanças é a estrutura do soneto e as figuras de linguagem usadas. Além dos dois sonetos comparados, no

que diz respeito a intertextualidade, é possível esclarecer um pouco mais sobre esses conceitos em outros dois sonetos desses autores, em uma breve análise:

*Soneto de Carnaval – Vinicius de Moraes*

Distante o meu amor, se me afigura  
O amor como um patético tormento  
Pensar nele é morrer de desventura  
Não pensar é matar meu pensamento.

Seu mais doce desejo se amargura  
Todo o instante perdido é um sofrimento  
Cada beijo lembrado uma tortura  
Um ciúme do próprio ciumento.

E vivemos partindo, ela de mim  
E eu dela, enquanto breves vão-se os anos  
Para a grande partida que há no fim

De toda a vida e todo o amor humanos:  
Mas tranquila ela sabe, e eu sei tranquilo  
Que se um fica o outro parte a redimi-lo.

*Alma minha gentil, que te partistes – Luís de Camões*

Alma minha gentil, que te partiste  
tão cedo desta vida descontente,  
repousa lá no Céu eternamente,  
e viva eu cá na Terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,

memória desta vida se consente,  
não te esqueças daquele amor ardente  
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
alguma cousa a dor que me ficou  
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,  
que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
quão cedo de meus olhos te levou.

Apesar de Vinicius de Moraes buscar no modelo petrarquiano a forma de escrita, no caso desses sonetos, com as antíteses expressando a ideia contraditória da mulher morta ou ausente no plano real, e presente na morte, quando se consegue a realização do amor. É preciso que se tenha consciência de que a influência recebida no soneto de Vinicius, em relação ao de Camões, mostra, de certa forma, uma assimilação invisível, na qual se perde a clareza da poesia camoniana. Embora seja perceptível a força do poeta quinhentista, em nenhum momento há um caráter de *mimeses* na composição do “Soneto de carnaval”. Vinicius de Moraes nutriu-se do soneto de Camões, no entanto recriou-o, alterando o tema da mulher desejada e as diversas interdições que a cercam, fazendo o amor se realizar, paradoxalmente, só depois da morte. No trecho:

A diferença aqui refere-se à atualização do sentimento de amor, no qual o ciúme e o despeito estão presentes. Na esteira destes dois sentimentos, já se percebe uma ideia de morte que perpassa o poema e as contradições em que o poeta enreda-se, quando utiliza a antítese – de gosto camoniano aliás – nos seguintes versos: “Pensar nele é morrer de desventura/Não pensar é matar meu pensamento”, nos quais se opõem as ideias “pensar” e “não pensar” e “morrer” e “matar” (LIMA & MARTINEZ, 2009, p.8).

Marcos Hidemi de Lima e Márcia de Fátima Martinez, no artigo “OS SONETOS A QUATRO MÃOS DE CAMÕES E VINICIUS DE MORAES” explicitam essa relação entre os sonetos no que diz respeito a forma como o amor e como a morte passam a ser tratadas por Vinicius de Moraes, e no que difere de Luís de Camões.

O diálogo estabelecido, entre os poemas, encontra-se também em seus versos finais, onde está manifestada a vontade de consecução do amor após a morte. Seguem os versos:

que tão cedo de cá me leve a ver-te  
quão cedo de meus olhos te levou (Camões)

Mas tranquila ela sabe, e eu sei tranquilo  
Que se um fica o outro parte a redimi-lo (Vinicius)

Nesses versos pode-se perceber que o único encontro em que o amor físico pode ser realizado é na morte, que ambos os poetas almejam. No trecho:

que o único encontro possível, no qual possa realizar o amor físico, será com a morte que ambos almejam, evidenciado pelos versos finais do soneto em que “tranquila ela sabe, e eu sei tranquilo/Que se um fica o outro parte a redimi-lo” (LIMA; MARTINEZ, 2009, p. 8).

Marcos Hidemi de Lima e Márcia de Fátima Martinez, comprovam essa importante ideia de realização do amor após a morte presente em ambos os sonetistas. Aplica-se nesse caso, portanto, e nos dois poemas analisados, os conceitos de dialogismo e de intertextualidade, afinal, o enunciado de Vinicius está contido no discurso de Camões, principalmente no que diz respeito ao assunto, o que fica nítido nos últimos dois versos, como apontado anteriormente. O conceito de dialogismo aplicado nos sonetos de Vinicius em relação aos de Camões é explicado por Fiorin, no trecho:

Não se pode dizer que haja dois tipos de dialogismo: entre enunciados e entre o locutor e seu interlocutor. Na verdade, o interlocutor é sempre uma resposta, um enunciado, e por isso, todo dialogismo são relações entre enunciados (FIORIN, 2006, p. 32).

Mais do que um conceito mimético, trata-se, portanto, de um conceito de relações entre enunciados, de influência no que diz respeito a arte, e fica claro que Vinicius de Moraes sofre influência de Luís de Camões nos poemas em análise, mesmo sendo de escolas literárias e de tempos diversos. A intertextualidade e dialogismo tornam isso possível.

## Conclusão

As análises executadas neste artigo possibilitam a percepção, por meio dos conceitos de intertextualidade e dialogismo, da influência que artistas, obras e movimentos literários exercem em outros distantes de seu tempo, como no caso desses dois poetas.

Camões, quinhentista clássico português, que recorria a métodos Renascentistas, embora em sua obra tenha-os moldado à sua maneira, e Vinicius, artista de um movimento que no Brasil buscava a ruptura com as regras clássicas. Este, fazia parte da segunda geração Modernista, onde a quebra já havia sido estabelecida pelos artistas da primeira, possuindo liberdade para tratar de temas atuais e seculares. No entanto, sua obra torna nítida que a distância temporal entre um artista e outro não os desvincula totalmente, afinal, a intertextualidade entre os sonetos de Vinicius de Moraes e os de Camões traz essa comprovação.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. HUCITEC, 12<sup>a</sup> ed., 2006.
- EMERSON, C. **Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. **A épica portuguesa no século XVI**. São Paulo: INCM, 1950.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. BRAIT, Beth, **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semianálise**. São Paulo: Perspectiva, 2<sup>a</sup> ed., 2005.
- MORAES, Vinicius. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Livro de sonetos**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.
- NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: Edusp, 2<sup>a</sup> ed., 2000.
- SARAIVA, Maria de Lurdes. **Lírica completa I: Luís de Camões**. Vila de Maia: INCM, 2<sup>a</sup> ed., 1980.
- KOCH, Ingedore Villaça; VANDA, Maria Elias. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2<sup>a</sup> ed., 2008.

**Resumo:** Por meio da aplicação dos conceitos de cânone, intertextualidade e dialogismo, o presente trabalho faz análise comparativa entre sonetos de Luís de Camões, poeta classicista português, e Vinicius de Moraes, modernista brasileiro, pontuando as influências que o primeiro autor exerceu sobre Vinicius, no recorte em foco, nesse lapso de tempo: aproximadamente 400 anos.

**Palavras-chave:** Luís de Camões; Vinicius de Moraes; soneto; intertextualidade; cânone.

**Abstract:** Through the application of the concepts of intertextuality and dialogism, the present paper makes a comparative analysis between the sonnets of Luís de Camões, a classicist Portuguese poet, and Vinicius de Moraes, a modernist Brazilian poet, punctuating the influences that one author had on the other, focusing in that time span: approximately 400 years.

**Keywords:** Luís de Camões; Vinicius de Moraes; sonnet; intertextuality; canon.

*Recebido em: 20/11/2021.*

*Aceito em: 7/12/2021.*